

Católica. Á sua protecção nos criamos. As mais fortes e as primeiras manifestações autónomas da vida, foi a volta dos seus mosteiros, das suas colegiadas ou das implex capelas ou igrejas rurais que se formaram e mais tarde, com a Cruz no peito, é que Portugal se desobrigou da missão civilizadora que providencialmente lhe coube. E o espírito religioso, que impregnou em todos os tempos o pensamento, a cultura e a arte literária de Portugal, sempre se manifesta em todas as eições da sua actividade. Na pintura, na estatuária, na arquitectura, — em Portugal e nas conquistas, — ó Portugal, apóstolo das gentes! — é sempre a Cruz de Jesus Cristo a coroar o seu esforço como uma bênção.

Das ideias, das almas & dos factos

A visita da esquadra inglesa e as relações anglo-lusas

A visita da esquadra inglesa a Lisboa, — visita de cerimónia, — não serviu apenas para demonstrar que as relações diplomáticas, tradicionalmente cordiais, entre a Inglaterra e Portugal não esmoreceram com a ditadura militar. Se me fôsse permitido intrometer-me em questões de feição quasi transcendente, — como são as questões diplomáticas, — diríamos que a maior vantagem da visita da esquadra inglesa consistiu em demonstrar, da forma incontestável, que a gente portuguesa não sente hoje em dia qualquer animadversão contra a nossa velha aliada. A manifestação popular aos marinheiros e à legação inglesa bem o demonstrou e ainda bem que de nenhum lado se levantaram vozes destoantes: — não há vantagem nenhuma em recordar erros passados e a verdade é que, por muito tempo ainda, a aliança inglesa continuará a ser o fulcro da política internacional portuguesa. Convem-nos a nós, — devemos afirmá-lo, — mas, deve também dizer-se, porque é a verdade, — convém à Inglaterra igualmente. Seja-nos permitido acentuar, a-propósito, e já que

é oportuno fazê-lo, que nesta casa todos compreendem e sempre compreenderam a necessidade e até as vantagens da aliança inglesa. Se quisessemos retomar uma expressão predilecta diríamos até: — reconhecemos o significado nacionalista da aliança inglesa, tão claramente ou mais, do que os seus mais entranhados defensores.

A aliança anglo-lusa é necessária, é útil pelo menos, à Inglaterra e a Portugal. Por isso, — por que traz vantagens a ambas as partes, — tem subsistido e subsistirá. Tem seis séculos. É a mais antiga aliança de povos e a mais durável que tem existido. E só esta razão de tempo é mais do que suficiente para garantir as suas vantagens. Não haveria habilidade de políticos que segurasse uma aliança que não trouxesse vantagens à Inglaterra e a Portugal. A persistência é a demonstração da sua necessidade.

Repugna-nos, evidentemente, que se pense que a aliança inglesa devemos a nossa independência. Repugna-nos, por que não é verdade. E por definição: não seria, sequer independência o que fôsse devido à protecção de outrem. Não. Vivemos autónomamente porque temos recursos nacionais para tanto. Vivemos porque somos ainda a terceira potência colonial do mundo: — mas viveríamos se o não fôssemos porque temos características próprias, porque temos uma língua própria, porque temos riquezas nacionais extraordinárias a explorar, porque possuímos uma tradição literária, filosófica, artística, histórica própria, porque ocupamos e enchemos o mais belo capítulo da história do mundo, porque criámos o Brasil, e porque, principalmente, *queremos*, — possuímos a *vontade* inabalável de sermos portugueses: — coisa que vale tanto que foi o que nos fez renascer em 1640.

Não é preciso descer até o ponto de considerar a aliança com a Inglaterra como condição da nossa au-

tonomia para proclamar a cultivar a amizade com devem nem podem viver dirigentes lhes procurem nientes aos seus mais al inglesa é aquela que, ainda como depois da Restauração francesas mais útil pode ser.

Nas páginas desta revista, a necessidade de Essa aliança, porém, — se visa nem aspectos político nem trapalhadas finance quanto, uma obra de cultura visto o extraordinário des nholá.

Um dia, porém, virá pelo regresso à ordem tr e pelo desenvolvimento poderá, sem receios de hipótese de novas alian orientam os homens de nossos.

Por agora em todo Hispanismo, — por mais iditar àqueles a quem António Sardinha: — «uma o

— «Hispanistas somo a propósito da *grave qu* o somos para proveito estômagos ávidos». E se do, precisamente, na Es nos ajude a desenfeuda neste ponto (e sem esque também devemos), — não aliança inglesa, dando-no

que nesta casa todos compreendem eram a necessidade e até as vantagens. Se quisessemos retomar ilecta diríamos até: — reconhece- acionalista da aliança inglesa, tão do que os seus mais entranhados

usa é necessária, é útil pelo me- Portugal. Por isso, — por que traz s partes, — tem subsistido e subsis- los. É a mais antiga aliança de ável que tem existido. E só esta is do que suficiente para garantir ão haveria habilidade de políticos aliança que não trouxesse vanta- a Portugal. A persistência é a de- ecessidade. dentemente, que se pense que ã mos a nossa independência. Repu- é verdade. E por definição não dência o que fôsse devido à pro- o. Vivemos autônomoamente por- nacionais para tanto. Vivemos a terceira potência colonial do amos se o não fôssemos porque próprias, porque temos uma lín- emos riquezas nacionais extraor- porque possuímos uma tradição. rtística, histórica própria, porque s o mais belo capítulo da história ámos o Brasil, e porque, princi- — possuímos a *vontade* inabalável s: — coisa que vale tanto que foi er em 1640. scer até o ponto de considerar a rra como condição da nossa au-

onomia para proclamar a necessidade política de se cultivar a amizade com a Inglaterra. As nações não devem nem podem viver isoladas. Urge que os seus dirigentes lhes procurem as relações externas convenientes aos seus mais altos interesses. E a aliança inglesa é aquela que, ainda agora, como com D. João I, como depois da Restauração, como durante as invasões francesas mais útil pode ser ao interesse português.

Nas páginas desta revista tem-se declarado, muitas vezes, a necessidade de uma aliança com a Espanha. Essa aliança, porém, — será forçoso repeti-lo? — não visa nem aspectos políticos, nem aspectos económicos, nem trapalhadas financeiras: — deverá ser, por enquanto, uma obra de cultura, e hoje mais do que nunca, visto o extraordinário desenvolvimento da nação espanhola.

Um dia, porém, virá em que Portugal, fortalecido pelo regresso à ordem tradicional, — à ordem-nova, — e pelo desenvolvimento do seu império ultramarino, poderá, sem receios de uma assimilação, encarar a hipótese de novas alianças? As circunstâncias, que orientam os homens de estado, orientarão então os nossos.

Por agora em todo o caso, é este o sentido do Hispanismo, — por mais insídias que o despeito nojento ditar àqueles a quem ainda perturba a sombra de António Sardinha: — «*uma obra de cultura e de amor*».

— «Hispanistas somos», — disse António Sardinha a propósito da *grave questão da pesca*, — «mas não o somos para proveito de firmas sinistras, nem de estômagos ávidos». E sendo *hispanistas*, — procurando, precisamente, na Espanha, a aliança cultural que nos ajude a desenfear-nos da sujeição francesa neste ponto (e sem esquecermos, aliás, o que à França também devemos), — não nos custa reconhecer que a aliança inglesa, dando-nos um esteio internacional, que

não esperaremos de qualquer outra nação, é necessária às possibilidades de Portugal nesta hora.

Não nos esqueçamos, porém, de que à Inglaterra não convém neste momento a aliança com um Portugal fraco. Os nossos estadistas devem compreender que, no momento em que se estudam os limites de armamento, à Inglaterra interessa sumamente a aliança de um povo que, possuindo uma armada, a possa auxiliar no momento oportuno. Aliança inglesa com um Portugal desorganizado e quasi sem consistência nem interna, nem externa, não pode já agora convir a ninguém. Mantenha-se, sim, a aliança inglesa, — mas tratemos de restaurar Portugal. Dormir sobre a certeza, sobre a fatalidade da nossa segurança, é, pelo menos, — perigoso...

M. M.

DR. ÁLVARO MAIA. — *Nação Portuguesa* inclui, com este número, entre os seus colaboradores o nome de Álvaro Maia, um dos mais lúcidos, mais cultos e desempoeirados espíritos da nossa terra.

É extraordinário, — e nós próprios assim o achámos, há pouco, quando, procurando entre os nossos colaboradores, não encontrámos o seu nome, — que o Dr. Álvaro Maia não seja desde sempre o colaborador constante desta revista, — tão íntima a camaradagem que nos une e tão grande a admiração que sentimos pelo alto espírito d'este ilustre escritor.

Se é agora, somente, que o Dr. Álvaro Maia tira aos seus muitos afazeres algumas horas para oferecer à obra de reaportuguesamento da *Nação Portuguesa*, noutros pontos de uma mesma trincheira os nossos leitores o hão-de ter encontrado como esforçado lutador. Não pretendemos, pois, apresentá-lo a quem, certamente, o conhece e admira; — mas, abraçando-o com a amizade e admiração de sempre, queremos testemunhar-lhe neste lugar a alegria com que o recebemos nesta casa.

GEORGE LE GENTIL. — a honra de recolher durante ilustre professor a quem a literatura portuguesa.

Espírito de rara cultura e à literatura portuguesa, e esp francês, o distinto professor e a atmosfera carinhosa que à

Nação Portuguesa, proc sirva a cultura nacional, apr Sr. George Le Gentil a sua próximo número a súmula da de Letras de Lisboa.

FIDELINO DE FIGUEIR tre' escritor Sr. Dr. Fidelino d e enaltecendo em Madrid, co nal deve ser registada nesta re ços lusitanistas dos últimos an

Obrigado pelas circunstân de Figueiredo, tendo-se recolh lhe auguraram uma situação madrilenos. Redactor do gran de Literatura Portuguesa na redo é em Madrid o embaixad

Todos quantos nesta revista e a natural simpatia o esfôrç palavra, — de Fidelino de Figu

A LÍNGUA PORTUGUE CIONAIS. — Por iniciativa do nistro do Brasil para as Rela leiros aos congressos intern língua portuguesa.